

As obras éticas de Aristóteles: aproximações e distensões em relação à *Ethica Nicomachea*

RESUMO

Neste artigo pretende-se uma análise sucinta de aproximação e relação entre as obras aristotélicas dedicadas ao assunto da ética. A hipótese de trabalho baseia-se em demonstrar os pontos que deram à obra *Ethica Nicomachea* uma aparente predileção no estudo da ética do estagirita durante toda a tradição filosófica ocidental. A análise crítica empreendida para expor tal hipótese guia-se pelo crivo da proposição dos aspectos que dão prevalência teórica, cronológica e de reconhecimento da citada obra sobre as demais tomadas em tela. Sendo assim, temos como objetivo demonstrar a validade desta pretensa predileção da tradição filosófica ocidental pela *Ethica Nicomachea* no estudo do pensamento ético de Aristóteles.

Palavras-chave: Aristóteles; Ética; *Ethica Nicomachea*.

ABSTRACT

This article is intended to a brief analysis of closeness and relationship between Aristotelian works devoted to the subject of ethics. The working hypothesis is based on demonstrating the points that gave the work *Ethica Nicomachea* an apparent predilection estagirita in the study of ethics throughout the Western philosophical tradition. The review undertaken to expose this hypothesis is guided through the sieve of the proposition of the aspects that give theoretical prevalence, chronological and recognition of said work on the other outlets on screen. Thus, we aim to demonstrate the validity of this alleged predilection of Western philosophical tradition by *Ethica Nicomachea* in the study of the ethical thinking of Aristotle.

Keywords: Aristotle; Ethics; *Ethica Nicomachea*.

* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia na Universidade Federal de Santa Catarina/SC.
E-mail: markantfilos@yahoo.com.br

Introdução

Nossa pretensão neste artigo é expressar uma exposição das obras morais aristotélicas não negligenciando o peso da tradição, mas, ao mesmo tempo não nos furtando à força da especulação filosófica. Certamente que a ousadia é uma virtude até determinado ponto, e além deste, um vício, bem ao gosto do Estagirita. Sendo assim, nos limitamos a fazer uma caminhada atenta amparada na pavimentação teórica dos diversos comentadores de Aristóteles utilizados na execução desta tarefa, tendo de quando em vez o cuidado de perceber outros caminhos. É salutar ter este cuidado em se tratando de expor uma obra tão densa e profunda quanto a aristotélica, transcrevemos o sagaz comentário de Lear, que parece muito apropriado para a ocasião, expresso em sua obra de introdução ao pensamento aristotélico:

O leitor deverá estar consciente de que, para cada afirmação que eu fizer neste livro, existe virtualmente uma outra afirmação conflitante, de um estudioso de Aristóteles sério e ponderado, oferecendo uma interpretação diferente. (LEAR, 2006, p.31).

Uma vez posta a intenção e os cuidados que a cercam, é necessário expor os meandros de sua execução. Para tanto será preciso demonstrar como Aristóteles estruturou seu pensamento ético-moral. Isso não pode ser feito sem analisarmos a disposição de suas obras, ou seja, devemos situar teoricamente seu processo de construção. Suas obras referentes ao assunto da moral são amplas, amplitude esta que encerra em si uma problemática. Seriam todas as obras atribuídas a Aristóteles verdadeiramente escritas por ele? O Estagirita teria construído sua estrutura teórica em uma linha ascendente? Se sim, qual é a disposição das obras nesta linha ascendente? Gauthier aponta para a premência de se atentar para esta problemática:

O corpus aristotelicum, ou seja, a coleção de escritos tradicionalmente atribuídos a Aristóteles, cuja edição de referência continua a ser de Bekker (BERLIM, 1830), contém três tratados de moral: a *Ética a Nicómaco* (sigla E.N), a *Ética a Eudemo* (E.E) e a *Magna Moralia* (sigla M.M); a estes três tratados de moral veio juntar-se um tratado que não está contido no Corpus, o *Protréptico*. A primeira questão que se coloca a quem pretende estudar a moral de Aristóteles é a da autoridade a atribuir a estes quatro tratados. (GAUTHIER, 1992, p.7).

Trataremos então de expor, sucinta e criteriosamente, a construção teórica das três principais obras aristotélicas dedicadas ao assunto da moral. Em seguida entraremos sucintamente na *Ética Nicomacheia*¹, analisando os pontos mais centrais desta obra, dando especial atenção ao traçado original dos assuntos na forma como aparecem na obra do Estagirita. “Enfim, a EN é a obra ética mais conhecida de Aristóteles e, também, a mais comentada, e isto desde a Antiguidade.” (ZINGANO, 2008, p.10).

¹ Doravante citada por suas iniciais em maiúsculo EN.

Não é necessário dizer a instabilidade do terreno em que tencionamos erigir nosso trabalho, mas, em detrimento às adversidades, a motivação especulativa anima uma tão pretenciosa ousadia. Como dito no início desta introdução, é preciso encontrar o ponto de equilíbrio (uma alusão à mediania) entre a virtude da ousadia, se é que seja uma virtude, e seu erro. Postas estas deliberações introdutórias concernentes à composição deste artigo, façamos menção às seguintes palavras de Brague, que coincidem com a intenção deste nosso estudo: "O alvo deste trabalho é de descrever o pensamento de Aristóteles a partir de certos indícios que me parecem caracterizar o centro de seu pensamento filosófico." (BRAGUE, 1988, p.5). Em momento algum esperamos lançar uma corda além da nossa capacidade de prendê-la. Por isso, o que realmente se destaca neste movimento de perscrutação da moral aristotélica é o interesse de manter a marcha constante da filosofia rumo ao conhecimento.

1 As obras éticas de Aristóteles

Um autor tão prolífero quanto Aristóteles surpreende pela capacidade de aprofundar os assuntos aos quais se dedica, sendo em geral produzido um material profundamente denso e articulado. No caso do Estagirita a produção excede uma única obra, os seus trabalhos dedicados à ética somam um total de três. Esta restrição se justifica pelo fato de existir uma forte discussão a respeito da autenticidade de algumas obras atribuídas a Aristóteles, não sendo aqui o nosso objetivo aprofundar esta discussão, faremos comentários a este respeito nos momentos que se fizerem necessários. Apesar de haver o relato de uma obra chamada "*De Virtutibus et Vitiis*", atribuída a Aristóteles, o que seria a quarta obra moral do Estagirita, os principais comentadores a têm como inautêntica. Segundo Zingano (2008, p. 9):

Entre as obras de Aristóteles que a tradição nos legou, encontramos quatro tratados: (i) *Ethica Nicomachea*, (ii) *Ethica Eudemia*, (iii) *Magna Moralia* e (iv) *De virtutibus et vitiis*. Este último, um curto tratado que ocupa as páginas 1249a 26 – 1251b 37 da edição Bekker, é seguramente apócrifo e pode ser deixado de lado.

A questão que se põe em âmbito geral no estudo aristotélico é exatamente interligar a existência destas obras de forma a compor um único edifício teórico coerente, o que certamente é problemático e muito complexo. Sendo assim, a questão que se põe no âmbito deste artigo é apresentar a relação entre elas em suas linhas mais gerais. Na realidade a disposição cronológica das obras é uma questão que certamente pode influenciar no entendimento da concepção filosófica de Aristóteles, uma vez que em determinado momento de sua vida intelectual sua visão a respeito da moral vai diferir da visão adotada pelo fundador da Academia.

Outra questão que envolve a discussão acerca da pluralidade de obras destinadas à moral aristotélica é a de sua postura enquanto escritor e enquanto professor no Liceu, podendo haver aí a influência, em algumas obras, da continuidade dada por seus discípulos a partir de suas aulas orais. Ou seja, obras atribuídas ao punho de Aristóteles, mas provenientes dos punhos de seus alunos. Como coloca Ross:

Comumente se considera que todas ou quase todas as obras existentes de Aristóteles pertencem ao período em que dirigia o Liceu, e então surge naturalmente a questão das relações entre suas obras escritas e seu ensinamento oral. Tem-se sugerido que o caráter às vezes tosco e imperfeito de muitas de suas obras, as repetições e digressões, se devem a que não eram obras preparadas para a publicação, mas notas de curso do próprio Aristóteles, ou mesmo notas tomadas por seus alunos. (1957, p. 31).

O certo é que a tarefa de estudo da moral aristotélica não pode ser concluída sem antes termos passado, mesmo que em traçados gerais, por estas problemáticas envoltas na validação de suas obras, o que pode muito bem ser efetivamente contemplado na explanação de um itinerário teórico exposto nas mesmas. Importa, pois, para se evitar um circunlóquio, entender teoricamente a distinção existente na *EN* em relação às demais, e justificar sua utilização no propósito de expor a moral aristotélica em seus meandros. Sendo assim, passamos a expor a execução da ação proposta.

2 Ética Eudêmia e Ética Nicomaqueia

De início a dúvida já se põe no âmbito da nomenclatura das obras, uma vez que em diversos momentos da história se questionou se eram realmente obras surgidas do próprio Aristóteles ou de seus discípulos e até mesmo de seu filho. Em diversos momentos a *Ética Eudêmia*² foi objeto de dúvidas na composição do *corpus aristotelicum*, principalmente em relação a seu título e a disposição de seus livros. "Muitos investigadores têm considerado a *Ética* a Eudemo como uma obra posterior, escrita por um aluno de Aristóteles, Eudemo." (ROSS, 1957, p.28).

É realmente um ponto controverso, mas que pode facilmente ser explicado, como o faz Zingano :

Por longo tempo, a *EE* foi considerada uma obra de Eudemo de Rhodes, aluno de Aristóteles e pretendente à sua sucessão no Liceu; a edição de Susemihl ainda se intitula *Eudemi Rhodii Ethica*. Muito provavelmente Eudemo esteve envolvido na edição da *Metafísica* (a seu sobrinho Pasicles, aliás, é geralmente atribuída a edição do livro) e talvez também tenha-se envolvido na edição deste tratado, mas, atualmente, a opinião dos intérpretes é que se trata de um escrito genuíno de Aristóteles. (2008, p.9).

Esta dúvida também se aplica à *EN*, "[...] Nicômaco tanto pode ser o pai de Aristóteles, a cuja memória a *Ética* seria dedicada, quanto o filho Nicômaco, que teria reunido e editado os dez livros após a morte do pai." (VAZ, 2008, p.112). Este primeiro ponto controverso é apenas um indicador da necessidade de se aprofundar na compreensão da construção destas obras, e para isso é necessário desnudar sua estruturação interior. Partindo então do fato de ser sim a *EE* uma obra aristotélica, é importante tentar demarcar seu processo de formação, o que pode influenciar em sua relação teórica com as demais obras morais do Estagirita. Neste sentido é difícil definir sua posição na produção linear das obras de Aristóteles, principalmente em relação à *EN*, pode-se de início contar com os re-

² Doravante citada por suas iniciais em maiúsculo *EE*.

latos históricos dos primeiros comentadores, o que na realidade ainda não resolve a questão. Mas, existe um ponto que pode solucionar esta discussão, ou ainda, apresentar um motivo de distensão ainda maior.

Tal ponto é a existência de três livros em comum às duas obras, na *EE* são eles os livros IV, V e VI, e na *EN* são eles os livros V, VI e VII. Eles poderiam apresentar uma resposta para a questão da cronologia entre as duas obras, uma vez que a existência dos mesmos demonstra que em determinado momento uma das obras foi completada pelos três capítulos da outra. A dúvida em torno deste processo foi motivo de vários estudos e especulações, em determinados momentos a *EE* foi considerada mais antiga, principalmente tendo como base os catálogos mais antigos das obras aristotélicas, como é o caso da argumentação de Ross:

Os pontos seguintes, no entanto, não têm recebido toda a atenção que merecem: 1) o mais antigo catálogo que temos das obras de Aristóteles (o de Diógenes Laércio), cita unicamente uma *Ética*, a qual apresenta cinco livros: não se pode tratar, pois, senão da *Ética* a Eudemo sem os livros duvidosos. O catálogo mais antigo que segue aquele, contém somente uma *Ética*, a qual atribui dez livros: esta não pode ser senão a *Ética* a Nicômaco com os livros duvidosos. Se, como se considera comumente, as duas listas se apoiam na autoridade de Hermippo, vemos que, no que concerne aos livros duvidosos, pode-se apresentá-los desde 200 a.C. à *Ética* a Nicômaco e não à de Eudemo. 2) Certas particularidades gramaticais que se têm notado na *Ética* a Eudemo, não se encontram nos livros em questão. (1957, p.29).

Tendo como válida esta observação de Ross, podemos considerar a *EE* anterior à *EN*, mesmo que não seja um consenso e nem uma opinião final, mas no que se relaciona aos livros comuns das duas obras a tese defende que são originalmente da *EN*. Instaura-se uma nova discussão, como aponta Gauthier :

Uma vez admitido, com efeito, que a *Ética* a Eudemo é autêntica e que ela é a mais antiga dos dois cursos de moral de Aristóteles, o problema não é mais saber se os livros em questão são ou não de Aristóteles, mais se eles aparecem no mais antigo ou no mais recente dos seus dois cursos. (1959, tomme I, p.45).

Isso poderia significar uma resolução do problema cronológico, mas que infelizmente anunciaria a continuação de um problema ainda maior, como já posto, a existência destes livros indicaria um processo de adaptação em uma das duas obras. Levando em conta o argumento de Ross, tal adaptação ocorreu na *EE* que os recebeu da *EN*. Essa adaptação significaria uma revisão teórica ou apenas um complemento posterior executado em algum processo de compilação?

Se for uma revisão teórica apontaria para uma análise feita pelo próprio Aristóteles em vista de complementar um pensamento ainda débil em sua primeira obra, partindo assim de uma nova visão sobre o problema moral. No caso de ser uma compilação posterior, feita por algum organizador, representaria a tentativa de completar uma obra a partir da outra dando assim maior validade às duas. Certamente que ambos os casos são apenas especulativos, uma vez que a resolução deste problema só é possível através de uma minuciosa pesquisa que envolva uma análise teórica, filológica e histórica. Para apresentar uma tese diferente da apontada por Ross, transcrevemos aqui a argumentação de Zingano, na

qual ele aponta uma visão diferente a respeito da obra que originalmente conteria os livros comuns:

Por muito tempo, prevaleceu a tese segundo a qual estes livros comuns eram originários de *EN*; tendo ocorrido o desaparecimento dos livros IV, V e VI da *EE* por algum extraordinário infortúnio, eles teriam sido substituídos pelos livros correspondentes da *EN*. Com base sobretudo nos trabalhos de Anthony Kenny, porém, a opinião corrente é bem diferente. Pensa-se hoje que os livros comuns pertenceram originalmente à *EE* e dali foram transpostos, eventualmente com algumas adaptações, à *EN*. (ZINGANO, 2008, p.10).

Para emitirmos aqui um juízo a respeito desta querela seria necessário um aprofundamento hercúleo, que não se justifica por motivos de espaço e objetivo, no entanto, é realmente preciso salientar que apesar de se aceitar a antedecência cronológica da *EE* e sua possível originalidade nos livros comuns, a *EN* se impõe por outros motivos. Sua estruturação apresenta uma melhor definição dos assuntos, apesar de haver certa similaridade com a *EE*, e um modo de desenvolvimento de melhor compreensão, apesar de alguns pontos serem problemáticos. Como o fato de haver um tratado sobre o prazer que aparece no fim do livro VII (um dos livros comuns) e outro que aparece ainda no início do livro X. Tanto Zingano (2008, p. 11), quanto Vaz (2008, p. 121) fazem menção à ocorrência desta duplicidade de tratados sobre o prazer. Sendo este um argumento para aqueles que defendem a ideia de que os livros comuns são originariamente pertencentes à *EE*.

No entanto, a composição teórica da *EN* demonstra um caráter mais polido dos argumentos tratados pelo Estagirita, mesmo que esse caráter não seja tão evidente na estrutura geral dos assuntos, no que concerne à disposição dos livros comuns principalmente, mas a abordagem teórica demonstra pontualmente avanços em seu pensamento³. Sendo assim não há engano em estabelecer a *EN* como representante da moral aristotélica no que tange à tradição de sua absorção pela civilização ocidental, principalmente em relação à sua utilização pelos mais proeminentes pensadores da Idade Média.

Além dos argumentos já colocados vale a pena trazer a afirmação de Vaz a respeito da utilização da *EN* nos estudos de moral aristotélica:

[...] a preferência pela *EN* impõe-se pelo peso da tradição, pela abundância da bibliografia a ela dedicada, pela composição dos livros que nos oferecem uma visão mais ampla da pragmateia ética de Aristóteles, de seu método e de sua lógica interna, e, finalmente, pela significação que alcançou na história das concepções éticas. (VAZ, 2008, p.113).

3 A Magna Moralia

Sendo assim, após apontarmos a relação entre a *EN* e a *EE*, e a tradicional aparente preferência pela primeira, resta-nos ainda nos referirmos à *Magna*

³ Ver Zingano (2008, p. 17), o autor aponta que em relação à amizade “[...] o argumento nicomaquéio é filosófica e conceitualmente superior ao eudêmio.”. A partir deste indício ele propõe a possibilidade de ser a *EN* uma revisão da *EE*.

*Moralia*⁴, uma vez que nos propusemos a fazer menção das três mais importantes obras de Aristóteles sobre o assunto da moral. Esta obra recebe este nome por ser composta de apenas dois grandes livros, sendo ainda conhecida também como *Grande Ética*, o primeiro livro composto de trinta e quatro capítulos e o segundo livro composto de dezessete capítulos⁵.

“A Grande Ética aparentemente data dos começos do século III a.C.; contém traços da doutrina de Teofrasto e a linguagem é em alguns aspectos tardia.” (ROSS, 1957, p.30) Mas, a exemplo das demais obras aristotélicas dedicadas à moral, a *MM* também apresenta margem para discussão, sendo que em alguns momentos sua datação é posta em dúvida. Para Zingano “convém salientar que conceitualmente, a *MM* mostra mais proximidade com a *EE* do que com a *EN* [...]” (ZINGANO, 2008, p.9), sendo assim a consideramos aqui menos importante para a execução de nosso trabalho, uma vez que elegemos a *EN* como base para o mesmo a partir dos motivos apontados.

Mas, levando em consideração o argumento de Ross, citado algumas linhas acima, de que nos catálogos mais antigos a *EE* aparece antes da *EN*, e agora a afirmação de Zingano de que conceitualmente a *MM* se aproxima mais da *EE*, podemos pensar que ela é uma obra dos primeiros estágios das lições aristotélicas sobre a moral. É forçoso dizer que esta discussão não é facilmente dirimida, como nos aponta Vaz:

A cronologia e a precedência respectiva dessas obras têm dado margem a vivas controvérsias sem que um consenso final seja alcançado. O caso mais discutido é o da Grande Ética, ora tida como obra pós-aristotélica, cuja composição é datada dos fins do século III, ora considerada o primeiro estado das lições de Aristóteles sobre Ética. O exemplo mais notável dessa incerteza na datação da *MM* é o do grande comentador Franz Dirlemeier, que primeiramente a considerou uma obra tardia pós-aristotélica, e posteriormente admitiu serem esses livros a primeira versão da ética aristotélica, caracterizada pelo estado ainda embrionário das doutrinas neles ensinadas. (2008, p.112).

Seguindo então estas afirmações que indicam ser a *MM* uma obra dos primeiros estágios das lições aristotélicas, mais próxima conceitual e cronologicamente da *EE* do que da *EN*, fica claro o motivo pelo qual não ela não tem sido considerada pela tradição o texto base para se estudar a moral aristotélica. Posto o itinerário dos argumentos até agora apresentados, damos por contemplada a tarefa de aludir, mesmo que em linhas gerais, à problemática das obras aristotélicas destinadas ao assunto da moral, e a aparente preferência da tradição ocidental pela *EN*.

4 Conclusão

Aristóteles é o autor grego que melhor soube construir um edifício teórico-sistemático através de suas obras escritas. No que tange ao estudo ético de tal

⁴ Doravante citada por suas iniciais em maiúsculo *MM*.

⁵ Ver ZINGANO, Marco. *Aristóteles: tratado da virtude moral; Ethica Nicomachea I 13 – III 8*. São Paulo: Odysseus, 2008, p. 9.

edifício colocamos anteriormente que é necessário entender a dimensão e a progressão de seu pensamento, compreendendo como se estabelece a obra que tradicionalmente na filosofia ocidental se utiliza para elucidar os meandros que o tornaram um dos autores basilares na construção da tradição ético-ocidental.

Neste processo de apropriação do pensamento aristotélico é comum ocorrerem alguns tropeços, provenientes da gama de comentários produzidos sobre este assunto que podem ser elencados em infindáveis listas, no entanto, o processo em si de depuração desta apropriação já denota um exercício vigoroso de reconstrução do traço próprio do autor. Uma vez que não se pode apenas aludir aos comentários sem antes explorar o esqueleto sustentador do pensamento analisado, devemos primeiro centrar mira no estabelecimento de um percurso que possa dar margem para a separação do que é realmente relevante daquilo que é apenas contingente.

A *EN* tornou-se a expressão do pensamento aristotélico por conter sistematicamente os postulados constantes correlatamente em suas demais obras dedicadas ao assunto da ética. Mesmo não podendo, por restrição de espaço e objetivos, discorrer sobre os pontos nevrálgicos que compõem a obra, podemos assertivamente dizer que no tocante à esquematização e refinamento teórico a *EN* é a obra madura de Aristóteles.

Referências bibliográficas

- BRAGUE, Rémi. *Aristote et la question du monde: essai sur Le contexte cosmologique et anthropologique de l'ontologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1988.
- GAUTHIER, René-Antoine & JOLIF, L'Éthique à Nicomaque. Introduction, Traduction et Comentaire. Louvain: Publications Universitaires de Louvain, 1959. Tomme I e Tomme II.
- _____. *Introdução à moral de Aristóteles*. Tradução de Maria José Ribeiro. Portugal: Europa-América, 1992.
- LEAR, Jonathan. *Aristóteles: o desejo de entender*. Tradução de Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Discurso Editorial, 2006.
- ROSS, W. D. *Aristóteles*. Tradução de Diego F. Pró. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1957.
- _____. *Aristotle*. 6.ed. London/New York: Routledge, 1995.
- VAZ, H. C. Lima. *Escritos de filosofia IV*. Introdução à ética filosófica I. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- _____. *Escritos de filosofia VII: raízes da modernidade*. São Paulo: Loyola, 2002.
- ZINGANO, Marco. *Aristóteles: tratado da virtude moral; Ethica Nicomachea I 13 – III 8*. São Paulo: Odysseus, 2008.
- _____. *Estudos de ética antiga*. São Paulo: Discurso Editorial, 2007.

Data de recebimento: 17/10/2016

Data de aprovação: 05/02/2017